



BIANCA CAMARGO MARTINS  
(ORGANIZADORA)

# O ESSENCIAL DA ARQUITETURA E URBANISMO 4

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)

# O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E78	<p>O essencial da arquitetura e urbanismo 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP): Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-707-9 DOI 10.22533/at.ed.079191510</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

“A obra de arquitectura concretiza a síntese entre o pensamento do arquitecto (ainda que abstrato ideológico) e a realidade. Uma realidade que é antes de mais a condição geográfica: a arquitectura transforma uma condição de natureza numa condição de cultura. Esta transformação modifica um equilíbrio espacial existente num novo equilíbrio. O encontro entre o mundo ideológico do pensamento, o mundo abstrato do desenho e o mundo da realidade é também encontro com uma situação histórica, com uma entidade cultural, com uma memória da qual o território está impregnado e que, julgo, a arquitectura deve reler e repropor através de novas interpretações, como testemunho das aspirações, das tensões, das vontades de mudança no nosso tempo”.

Mário Botta, 1996.

A prática da Arquitectura e do Urbanismo está em constante evolução. A atualização da relação entre arte, técnica e mercado deve se dar não apenas com ênfase na prática profissional, mas deve ocorrer também para aproximar os profissionais dos problemas habitacionais, urbanos e sociais da população.

As ideias desenvolvidas na presente edição do livro “O Essencial da Arquitectura e Urbanismo” reafirmam a importância da discussão e da consolidação do espaço de trabalho do arquiteto e urbanista enquanto profissional capaz de transformar espaços, edifícios e cidades.

A Atena Editora reafirma seu compromisso na divulgação científica ao oferecer a publicação de pesquisas de grande relevância desenvolvidas nas mais diversas instituições de ensino superior, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados do país.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE ENSINAR A DISCIPLINA DE PROJETO	
Vanderlei Rotelli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
O ANTIGO NO CONTEMPORÂNEO: TRANSFORMAÇÕES ARQUITETÔNICAS NA CHINA E O CASO DO CONJUNTO HABITACIONAL PARA AGRICULTORES NA VILA DE DONGZIGUAN (DISTRITO DE FUYANG)	
Brenda Mesquita de Araújo	
Beatriz de Jesus Bessa Fernandes	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0791915102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>45</b>
RELEVÂNCIA CULTURAL DA MODERNIDADE NA VIRADA DO SÉCULO XXI NA ARQUITETURA BRASILEIRA	
Samir Set El Banate	
Manoel Lemes Silva Neto	
Julia Naves Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>57</b>
A ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA NO BRASIL	
Ana Paula Borghi de Avelar	
Luíz Carlos de Laurentiz	
DOI 10.22533/at.ed.0791915104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>70</b>
CENTRO PARA CULTURA UNDERGROUND	
Daniel Conforte da Silva Lemos	
Ernani Simplício Machado	
Mauro Santoro Campello	
DOI 10.22533/at.ed.0791915105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>82</b>
PROJETO 'GIGANTE PARA SEMPRE': ANÁLISE DE UM GRANDE PROJETO URBANO DA COPA DO MUNDO DE 2014	
Silvana Kaster Tavares	
Andréa Magalhães Viana	
Fábio Bortoli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>93</b>
O CENÁRIO ATUAL DAS EDIFICAÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS: O SOLAR BARÃO DE GRAJAÚ, ANTIGO MUSEU DE ARTE SACRA	
Maria Paula Fernandes Velten Pereira	
Ingrid Rayssa dos Santos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915107	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>104</b>
IDENTIFICAÇÃO DO VALOR CULTURAL QUE UMA EDIFICAÇÃO PROJETA SOBRE A SOCIEDADE: O CASO DA CAPELA RIBEIRA EM SERGIPE/BR	
Eder Donizeti da Silva Adriana Dantas Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0791915108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>120</b>
CELEBRAR A CIDADE:IMAGENS E DISCURSOS SOBRE A CIDADE DE GUARAPUAVA-PR (1960- 1990)	
Michel Kobelinski	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0791915109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>136</b>
AVALIAÇÃO DA REQUALIFICAÇÃO E DO PADRÃO DE QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO NA RUA OSCAR FREIRE EM SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>147</b>
CONCEITOS SOBRE PRÁTICAS SOCIAIS E TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA RUA OSCAR FREIRE, SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>159</b>
RIO E CIDADE: O DESENHO URBANO ENTRELAÇADO COM A NATUREZA	
Claudine Machado Badalotti Marciano Balbinot	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>169</b>
ANÁLISE DA ARBORIZAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ	
Flavia Pinheiro de Alencar Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
MOBILIDADE URBANA EM ERECHIM-RS: ANÁLISE DE VIABILIDADE DE CICLOVIA NO BAIRRO CENTRO	
Natália Moretto Basso Daiane Cláudia Biasi Miranda Bianca do Amaral Esmelindro Mariele Zawierucka Bressan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151014</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>191</b>
O SONHO DA CASA PRÓPRIA: UM LUGAR PARA CHAMAR DE MEU	
Fernanda Joyce Ferreira Barroso	
Rose-France de Farias Panet	
Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>200</b>
ESTRATÉGIAS BIOCLIMÁTICAS URBANAS: UMA APLICAÇÃO PARA CIDADE DE CLIMA TROPICAL	
Fernanda Miguel Franco	
Arthur Guilherme Schirmbeck Chaves	
Marta Cristina de Jesus Albuquerque Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>212</b>
REGENERAÇÃO DA PAISAGEM: O “ELEMENTO NATUREZA” NA EDIFICAÇÃO DAS CIDADES	
Carolina Caldas Barducci	
Dalva Olívia Azambuja Ferrari	
Lucas Farinelli Pantaleão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151017</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>225</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>226</b>

## O ANTIGO NO CONTEMPORÂNEO: TRANSFORMAÇÕES ARQUITETÔNICAS NA CHINA E O CASO DO CONJUNTO HABITACIONAL PARA AGRICULTORES NA VILA DE DONGZIGUAN (DISTRITO DE FUYANG)

### **Brenda Mesquita de Araújo**

Universidade Paulista – UNIP (Campus Brasília),  
curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Brasília - Distrito Federal

### **Beatriz de Jesus Bessa Fernandes**

Universidade Paulista – UNIP (Campus Brasília),  
curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Brasília - Distrito Federal

### **Leonardo Oliveira Silva**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, curso  
de Doutorado em Arquitetura no Programa de  
Pós-Graduação em Arquitetura

Porto Alegre - Rio Grande do Sul

**RESUMO:** Após se abrir comercialmente para o mundo no ano de 1979, a China entrou na rota da globalização e conquistou o rol de países emergentes. Seu crescimento econômico foi prontamente impulsionado e sua industrialização se deu em curto lapso temporal – menor que de grandes potências, como Inglaterra e Estados Unidos – fatores que influenciaram diretamente o conjunto arquitetônico e urbanístico do país. As obras de arquitetura passaram a ser materializadas à luz de uma lógica construtiva mais tecnologicamente avançada, o que possibilitou, nos últimos quarenta anos, uma rápida e considerável mudança no cenário urbano chinês. Arquitetos estrangeiros foram convidados a deixar suas contribuições

internacionais em grandes cidades, como Xangai e Pequim, com o objetivo de ostentar a prosperidade econômica do país. É possível notar, entretanto, a inclusão de elementos característicos da arquitetura da China Antiga em obras de caráter contemporâneo, o que pode representar o desejo subjacente de preservação de tradições milenares do país. O presente estudo busca investigar, de modo geral, ecos da arquitetura antiga na contemporânea com o intuito de contribuir para a construção do conhecimento sobre uma das maiores potências mundiais. A título de estudo de caso foi investigado o conjunto habitacional para agricultores realocados na vila de Dongziguan, no distrito de Fuyang, projeto executado no ano de 2016 que buscou preservar traços da arquitetura da China Antiga, porém reinterpretados nos moldes da contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura. Urbanismo. China. Contemporaneidade.

THE ANCIENT IN THE CONTEMPORARY:  
ARCHITECTURAL TRANSFORMATIONS IN  
CHINA AND THE CASE OF THE FARMER'S  
HOUSING IN DONGZIGUAN VILLAGE  
(FUYANG DISTRICT)

**ABSTRACT:** After opening up to the



international commercial market in 1979, China entered the route of globalization and made it to the list of developing countries. Its economic growth was promptly boosted and its industrialization took place in a short period of time – shorter than of great powers, such as England and the United States – factors that directly influenced the architectural and urbanistic set of the country. Architecture began to be materialized according to a technologically advanced constructive logic, which has made possible a rapid and considerable change in the Chinese urban scene in the last 40 years. Foreign architects were invited to make their international contributions to major cities, such as Shanghai and Beijing, aiming to flaunt the country's economic prosperity. It is possible to notice, however, the inclusion of characteristic elements of ancient Chinese architecture in contemporary projects, which may represent the underlying desire to preserve the country's millennial traditions. The present study seeks to investigate, in a general way, echoes of ancient architecture in the contemporary one with the intention of contributing to the construction of knowledge about one of the major world powers. The housing project for relocated farmers in the Dongziguan village, in Fuyang District, was examined as a case study. That project was carried out in 2016 and sought to preserve traces of the ancient Chinese architecture, but reinterpreted in the light of contemporary times.

**KEYWORDS:** Architecture. Urbanism. China. Contemporaneity.

## INTRODUÇÃO

O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como *seu próprio cenário*. (DEBORD, 1997: 112)

Neste artigo iremos tratar brevemente do rápido crescimento econômico da China na virada do século XX para o XXI e de que modo ele influenciou a arquitetura e o tecido urbano de cidades chinesas. A pesquisa evidencia que o país buscou, por meio de sua arquitetura contemporânea<sup>1</sup>, refletir a prosperidade econômica mediante um processo de desenvolvimento da construção civil sem precedentes que, em determinadas situações, conforme aponta Koolhaas (2001, apud Benevolo, 2011: 426), desconsiderou a situação pré-existente e criou uma realidade urbana completamente nova. A demanda de edificações é expressiva: no ano de 1980 havia 149 arranha-céus no país; em 1999, menos de duas décadas depois, esse número saltou para 3.185 (Ibidem: 431), o que representa um aumento de 2.037%.

Buscamos investigar aqui, por meio de uma abordagem qualitativa de revisão bibliográfica e estudo de caso, projetos de arquitetura contemporânea que contêm influências da linguagem arquitetônica da China Antiga<sup>2</sup>. À vista disso, pretendemos

1 Embora desprovido de consenso entre autores, o conceito de “contemporaneidade” apresentado aqui refere-se à produção arquitetônica elaborada a partir do final da década de 1980 até os dias atuais.

2 A China Antiga é compreendida aqui como o período que engloba as três dinastias pré-imperiais e vai até o Império Tardio. O país, que detém uma das civilizações mais antigas e cujos primórdios remontam ao período neolítico (c. 8500 a.C.), desde os primeiros períodos históricos possui uma organização social com importantes

responder a seguinte pergunta: é possível incorporar elementos desta arquitetura em projetos contemporâneos visando à inovação, em termos de linguagem arquitetônica, porém preservando o caráter e a estética particulares do país? Na tentativa de responder esse questionamento, ater-nos-emos ao estudo de caso do conjunto habitacional para agricultores realocados na vila de Dongziguan, no distrito de Fuyang, situado na porção noroeste de Zhejiang, província no leste da China, cujo projeto foi executado no ano de 2016, e examinaremos em que medida é possível observar traços da linguagem arquitetônica da China Antiga em um exemplar contemporâneo.

Em termos de estruturação, o artigo está dividido em três partes: a primeira se propõe a contextualizar brevemente o tema geral dentro da contemporaneidade; nela busca-se basicamente evidenciar a relação entre a emergência da China enquanto superpotência mundial e seu acelerado crescimento urbano; a segunda parte pretende discutir a arquitetura da China Antiga, ilustrar alguns de seus exemplares e definir algumas de suas características principais; em seguida, busca discorrer brevemente sobre tentativas de preservação de tradições chinesas no âmbito da arquitetura; a terceira e última parte procura investigar de que modo os fatores analisados podem ser trabalhados harmoniosamente em um projeto de arquitetura contemporânea visando não somente à estética, mas a uma dimensão social e “humana” da arquitetura.



FIGURA 1: Pagode no condado de Ying, ao norte da província de Shanxi, 1056: a mais antiga e mais alta torre inteiramente construída em madeira do mundo (SHANGAI DAILY, 2018).

FONTE: STEINHARDT, 2019: 3.

diferenças regionais (SCARPARI, 2006: 10). A organização social representa um aspecto cultural importante de uma civilização e um dos modos de conhecer a cultura de uma sociedade é por meio de sua arquitetura. Embora tenha-se em mente a impossibilidade de reduzir a variedade formal arquitetônica de cinco milênios a uma única linguagem, considera-se que esta arquitetura, em termos gerais, “[...] surge de características regionais, modos de produção econômica, crenças religiosas, hábitos cotidianos e padrões culturais” (ALENCAR et al., 2012). A madeira, o tijolo, a cerâmica e a pedra figuram como os materiais construtivos predominantes nos cinco milênios de civilização chinesa (STEINHARDT, 2019: 1); este último, sobretudo, destinado a obras de caráter monumental.

## 1 | CHINA: UM PAÍS EMERGENTE

A miséria formal e a extensão gigantesca dessa nova experiência de habitat provêm ambas de seu caráter *de massa*, implícito tanto por sua destinação quanto pelas condições modernas de construção. [...] Nos lugares onde se inicia a industrialização dos países atrasados, aparece a mesma arquitetura, terreno adequado ao novo gênero de existência social que se deseja aí implantar. (DEBORD, 1997: 114)

Um tal gigantismo compulsivo nada mais é do que uma verdadeira mutação pelo excesso [...]. (ARANTES, 2011: 70)

Atualmente a China é um dos países onde mais se observam transformações no cenário urbano (BENEVOLO, 2011: 426), acontecimento intimamente atrelado ao rápido crescimento econômico do país, que tem ocorrido de modo exponencial desde 1979, quando da abertura comercial para o mundo e das reformas iniciadas por Deng Xiaoping. Nesse período, o PIB chinês apresentou um crescimento real médio anual de 10% (NONNENBERG, 2010: 201; PADULA, 2014: 466). Em um panorama econômico global, a China possui o que se pode chamar de mercado “emergente”, que surgiu, segundo Arantes (2011: 59–60), do colapso da economia da Era Maoísta (1949–76). A autora afirma que a propriedade estatal do solo nas grandes cidades chinesas não impede de fazer dele um dos principais motores das máquinas locais de crescimento.

Ao longo da década de 1970 a hegemonia dos Estados Unidos entrou em visível declínio; crises como a do petróleo, que teve início no ano de 1973, influenciaram negativamente a economia do país. Já no outro lado do globo, no extremo oriente, a China, país que parece ameaçar a liderança secular dos Estados Unidos (ARANTES, 2011: 9), se preparava para conquistar sua posição como superpotência emergente, a qual mantém até a contemporaneidade. Tal como a China, outros países emergentes têm se destacado cada vez mais no cenário mundial: por meio do processo da globalização, esses países contribuem para o crescimento econômico de outras nações (com, por exemplo, matéria-prima e mão de obra) e também obtêm benefícios, como investimentos de indústrias estrangeiras.

Com o fim da confrontação Leste-Oeste [a Guerra Fria], abriu-se um novo período histórico, marcado pelo término da bipolaridade. Essa nova realidade apresenta feição particular pelo peso significativo da emergência da China e da Ásia Oriental, como fator decisivo da cadeia de transformações que reestruturam a ordem mundial. A China aparece cada vez mais como um ator relevante do sistema internacional. Sendo um dos mercados emergentes da economia global, vem se mantendo como a principal área de crescimento do mundo em desenvolvimento. (FILHO, 1996: 209)

Grande parte do crescimento econômico chinês está fundamentado em seu setor manufatureiro. Uma vez que a ascensão da economia oferece suporte para desenvolvimento de outras áreas, observa-se que, na China, um dos setores mais vertiginosamente impulsionados foi o da construção civil. Conforme aponta Benevolo

(2011: 431), no caso de Xangai, a maior cidade do país e situada em sua costa central, um dos índices de transformação urbana é a difusão dos arranha-céus, que vieram para substituir as construções baixas de outrora.



FIGURA 2: Pudong, o distrito financeiro de Xangai, abriga alguns dos maiores arranha-céus do mundo.

FONTE: Portal CVC. Disponível em: <https://www.cvc.com.br/dicas-de-viagem/wp-content/uploads/2018/04/shanghai-centro-financeiro-thinkstockphotos-474470700-960-417-1.jpg>. Acesso em 14 de jul. 2019.

Não obstante a prosperidade econômica propicie base para novos empreendimentos arquitetônicos e situe a China no rol de superpotências emergentes, a celeridade do crescimento urbano tem acarretado prejuízos ao país, sobretudo ao meio ambiente<sup>3</sup> e à parcela da população com menor poder aquisitivo, representada em grande medida pelos camponeses que migram de contextos rurais para urbanos<sup>4</sup>. Segundo Arantes (2011: 102) a mão de obra responsável pela construção das cidades chinesas é migrante, “oriunda das profundezas da China rural e arcaica”, privada dos direitos de um cidadão urbano e vive “à margem (em todos os sentidos)”. De acordo com Terra (2016: 16), no país há uma clara diferenciação entre os cidadãos rurais (camponeses) e os urbanos: são concedidos diferentes direitos sociais, econômicos e políticos aos dois, fato que se deve sistema de registro de residência denominado *hukou*, estabelecido anos após a constituição da República Popular da China. Padula (2014: 465–6) aponta que o *hukou* é o norteador das possibilidades dos indivíduos, uma vez que determina que a seguridade social, habitação e acesso à escola sejam definidos em função do local de nascimento.

[...] esses milhões de pessoas que estão deixando o meio rural e indo para as

3 Conforme Costa (2012), áreas rurais e naturais se transformaram em cidades, processo que demandou canalização de rios, aterros, desmatamentos e outras intervenções responsáveis por um forte impacto ecológico, que foram e continuarão sendo necessárias para garantir o crescimento das metrópoles chinesas. Segundo Padula (2014: 466–7), outros problemas que emergem desse processo de transformação de áreas rurais em espaços urbanos são: a competição pelo uso da terra para produção de alimento *versus* a produção de habitações urbanas e a poluição produzida pela demolição de antigos bairros residenciais nas periferias e nos centros urbanos.

4 De acordo com Xie (2014) a migração em massa de jovens camponeses do sexo masculino de áreas rurais para costeiras, à procura de emprego, tem incumbido às mulheres e aos idosos a responsabilidade de manutenção da agricultura.

idades continuam sendo “rurais” e atreladas às suas cidades natais. Sua condição nas cidades é a de “migrante”, sem direitos à seguridade social, à habitação e à escola para os filhos. Pelo sistema *hukou*, esses migrantes não são cidadãos das cidades para onde se deslocaram. Nessas cidades, os migrantes são pessoas de segunda classe. Moram em bairros afastados, construídos pelo governo para serem alugados para migrantes a baixo custo. (Ibidem: 466)

Uma vez que as oportunidades de trabalho e de melhores moradias se concentram nos grandes centros urbanos, a migração rural-urbana tem se intensificado consideravelmente no país. Camponeses oriundos de todas as partes, geralmente as mais pobres, instalam-se nas periferias das grandes cidades e se submetem a modos inadequados de moradia<sup>5</sup>, geralmente os mínimos para a manutenção da vida humana, fato também observado na Europa, Estados Unidos e Brasil durante seus respectivos processos de urbanização (PADULA, 2014: 465). Segundo dados da Gazeta do Povo (2019) a China, país mais populoso do mundo (1,39 bilhão de pessoas), possui uma população urbana maior que a rural desde o ano de 2011. No ano de 1960 havia 108,1 milhões de habitantes nas cidades; já em 2017 esse número saltou para 803,5 milhões. Em relação ao número de trabalhadores, entre 1978 e 2006 este saltou, nas áreas urbanas, de 95 para 283 milhões (NONNENBERG, 2010: 204).

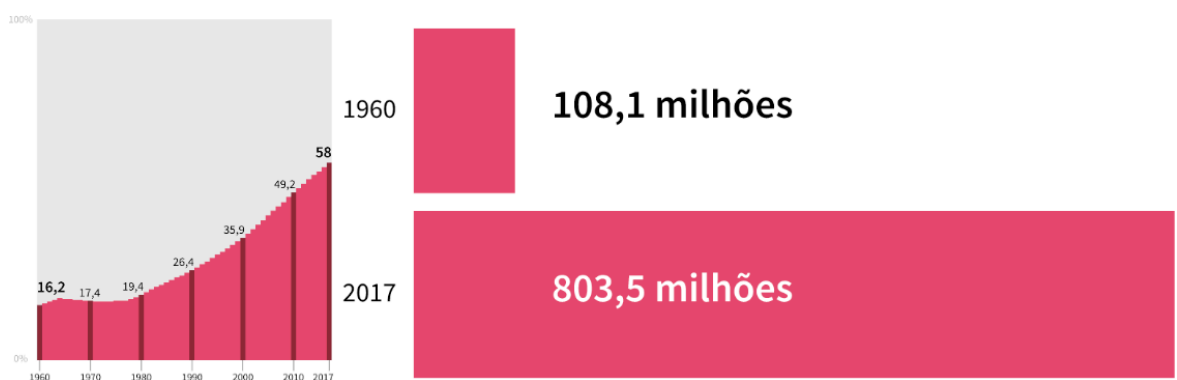


GRÁFICO 1: Gráficos que mostram o aumento da população urbana na China (à esquerda, em % sobre a população e, à direita, em número de habitantes) entre os anos de 1960 e 2017.

FONTE: Gazeta do Povo, 2019. Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/mundo/crescimento-da-populacao-urbana-na-china/>. Acesso em 14 de jul. 2019.

Segundo Costa (2012), cerca de 100 milhões de pessoas migrarão de áreas chinesas rurais para urbanas na próxima década. O inchaço urbano causado por essa migração, quando ocorre demasiadamente rápido e com pouco planejamento, implica adversidades como: a exacerbada verticalização de edifícios e a redução da eficiência do tráfego urbano; a desigualdade social, o fenômeno da periferização urbana<sup>6</sup> e a falta

5 Conforme o documentário CHINAS explodierende Städte. Direção de Claire Floquet e Jörg-Daniel Hissen. Alemanha: ZDF/3SAT, 2016 (45 min).

6 De acordo com Silva (2007: 7), “a periferia surge quando ocorre uma alta elevação do valor dos terrenos do centro da cidade, fazendo com que os moradores com menor poder aquisitivo procurem moradias com valores acessíveis, porém, em áreas distantes e desprovidas de infra-estrutura”. Embora o estudo da autora seja centrado no caso do Brasil, este conceito também pode ser aplicado ao caso da China pois, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI) (disponível em: <http://países-emergentes.info/>. Acesso em 20 de jul. 2019), o Brasil também é um país emergente. É possível observar fenômenos comuns entre países em emergência, dentre os quais cabe



de infraestrutura (escolas, postos de saúde, hospitais etc) adequada nessas periferias; prejuízos na mobilidade urbana, uma vez que há mais habitantes para se deslocarem da periferia para o centro diariamente; aumento da demanda de alta tecnologia para manter o funcionamento da cidade; um ambiente de intensa competição entre distritos e busca desmesurada por capitais e investidores internacionais (ARANTES, 2011: 68); extração de recursos naturais para expansão do tecido urbano, entre outros.



FIGURA 3: Crescimento urbano desenfreado do Delta do Rio das Pérolas em 1973, à esquerda, e em 2003, à direita: a extração de recursos naturais para expansão do tecido urbano como consequência negativa da urbanização não planejada na China.

FONTE: Archdaily, 2015. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/761442/delta-do-rio-das-perolas-na-china-supera-toquio-como-maior-area-urbana-do-mundo/54c9166fe58ece457a00019b>. Acesso em 14 de jul. 2019.



FIGURA 4: A desigualdade social materializada na cidade de Xangai como consequência negativa da urbanização não planejada na China.

FONTE: ARANTES, 2011: 121; 165.

É evidente que a China reconstruiu sua paisagem urbana em larga escala nas últimas décadas. Conforme aponta Costa (2012), vastas áreas rurais cederam lugar a metrópoles de modo repentino; o autor cita o caso da cidade de Shenzhen, localizada ao lado de Hong Kong, que em 1978 era uma vila de pescadores de 700 habitantes e, no ano de 2012, possuía cerca de 11 milhões de pessoas. Atualmente o país abriga dezenas de cidades com mais de 10 milhões de habitantes, que surgem de maneira “quase instantânea” (Idem). Tratando-se desse aspecto, Arantes (2011: 60–3) aponta que foram necessários cento de vinte anos para a Inglaterra se urbanizar e oitenta

---

destacar: o pleno desenvolvimento de atividades econômicas, a intensa migração rural-urbana e a própria periferização.

para os Estados Unidos; a China, no entanto, se urbanizou em trinta. Ademais, a autora afirma que o país consome metade do cimento e um terço do aço produzidos no planeta, e 30% dos guindastes do mundo se encontram em seus canteiros de obra.

Em busca de proeminência, distritos chineses competem entre si não apenas pela atenção de investidores estrangeiros, mas também pela construção do maior arranha-céu em menor espaço de tempo, o que demanda técnicas de construção civil altamente desenvolvidas. É justamente no âmbito técnico, sobretudo da construção de edifícios comerciais e multifamiliares, segundo o Instituto Bramante (2018), que a China tem demonstrado sua eficiência: no ano de 2012, a empresa de origem chinesa Broad Sustainable Buildings Co. Ltd. (BSB) construiu um edifício de trinta andares e cem metros de altura em quinze dias; no ano de 2015, na mesma cidade, outro edifício de cinquenta e sete andares e mais de cento e oitenta mil m<sup>2</sup> de área construída em dezenove dias, o que significa cerca de três novos pavimentos a cada vinte e quatro horas. Essa celeridade se deve à adoção de sistemas estruturais pré-fabricados: “O uso de estruturas metálicas diagonais conjugadas a tabuleiros, colunas e painéis verticais de 20 cm de espessura, é rápido e seguro, tornando a estrutura resistente a todos os esforços possíveis, inclusive terremotos” (Idem).

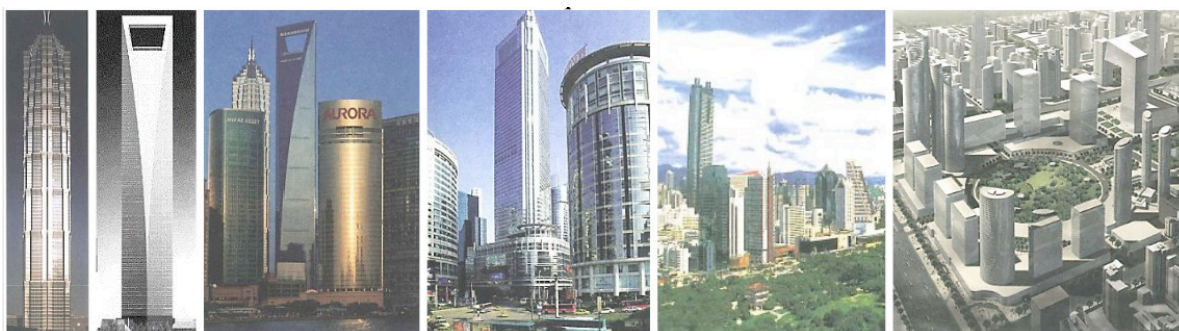


FIGURA 5: Jim Mao Tower (SOM), torre de 421 metros em Xangai; World Financial Center (KPF), torre de 492 metros em Xangai; Distrito de Pudong; Chongqing (cidade com mais de 30 milhões de habitantes); Shenzhen, no Delta do Rio Pérola; Maquete virtual do Centro Empresarial de Pequim, 2003.

FONTE: ARANTES, 2011: 46; 47; 62; 63; 78; 157.

Segundo Koolhaas (2001, apud Benevolo, 2011: 426–7), a Ásia como um todo foi tomada por um impiedoso processo de desenvolvimento da construção civil no último terço do século XX: “Um turbilhão de modernização está destruindo as situações existentes [...] a urbanidade parece ser menos compreendida justo no momento de sua apoteose [...]. O campo está abandonado a “eventos” considerados indescritíveis, ou à criação de um idílio artificial em memória da cidade”. Nesse sentido, a arquitetura acompanha o impulso da urbanização e, pouco crítica frente a modelos internacionais e sem identidade própria, corre o risco de tornar-se customizada, estereotipada e monumental, nos termos de Arantes (2011: 65), uma vez que o mercado da construção civil também se abriu para o mundo e passou a admitir influências externas com pouca

resistência.

O processo de “hiperurbanização” decorrente da prosperidade econômica e da modernização das técnicas de construção civil iniciou somente após a Era Maoísta (ARANTES, 2011: 69), período em que não eram definidas as atribuições de arquitetos. A língua chinesa clássica nem sequer possuía termo específico para designar “arquiteto”, apenas termo similar, que costumava se referir ao indivíduo que praticava o ofício de construir (STEINHARDT, 2019: 1):

Nos tempos de Mao Tsé-tung, a simples palavra “arquiteto” era considerada burguesa na China. Os arquitetos eram técnicos, jamais artistas. Apenas 30 anos se passaram e, hoje, os arquitetos na China não são apenas artistas. São mágicos. [...] É em Pequim que a metamorfose das construções cumpre seu papel político e estratégico: mostrar a China como uma nação inventiva, sofisticada e aberta para o mundo [...]. (AQUINO, 2008)

Na Era Maoísta era buscada uma arquitetura com “forma” nacional e “conteúdo” social, ou do chamado “realismo socialista” (ARANTES, 2011: 91). Já na contemporaneidade Benevolo (2011: 429) aponta que, à época da primeira publicação de *A arquitetura no novo milênio* (2006), arquitetos chineses representavam um quinto dos americanos, recebiam dez vezes menos e trabalhavam cinco vezes mais, em função da demanda de novas edificações; as obras mais importantes, no entanto, ficavam a cargo dos estrangeiros e se esperava que posteriormente servissem de modelos a serem imitados. A estética arquitetônica internacional era atraída pela China e, projetistas do *star system*, estimulados a deixar suas contribuições nacionais no tecido urbano, que ostentava diferenças e as viam como positivas. Grandes eventos, como os Jogos Olímpicos de Pequim (2008) e a Expo Xangai (2010), cativaram a atenção de arquitetos estrangeiros por meio de concursos internacionais de arquitetura relacionados a esses eventos (JUNSKOWSKI, 2018). De acordo com Limei Nong, PhD em Arquitetura e Design de Interiores da Universidade de Tsinghua, em Pequim, “A maioria dos arquitetos estrangeiros é intencionalmente convidada para a China e eles projetam para um arquitetura nacional importante que, por sua vez, poderia trazer fama considerável mais facilmente para sua carreira do que em seus países de origem” (Idem).





FIGURA 6: À esquerda, o Estádio Nacional de Pequim (2008), projeto dos suíços Herzog & Meuron; à direita, a sede do CCTV (2012), em Pequim, projeto do neerlandês Rem Koolhaas: exemplos do que poderia ser chamada de arquitetura “espetacular”, nas palavras de Debord (1997), que buscam reconhecimento internacional e autoafirmação por meio de suas formas ousadas e monumentais.

FONTE: JUNSKOWSKI, 2018.

O cenário descrito por Benevolo em 2006, no entanto, parece estar mudando em função de uma nova consciência cultural, por parte dos arquitetos chineses, da necessidade de preservação das tradições nacionais. Segundo o arquiteto Tang Yong, atualmente esses profissionais reconhecem que a cultura tradicional do país pode ser fonte de inspiração para novas formas arquitetônicas e podem expressar o “espírito oriental” por meio de novas abordagens, mais tecnologicamente modernas; alcançar uma harmonia nesse sentido “se tornou o objetivo eterno de alguns arquitetos chineses” (JUNSKOWSKI, 2018):

Líder na tendência do regionalismo – arquitetura voltada para valorizar aspectos locais de uma cultura – a China se encontra em um processo de busca por uma identidade cultural pela arquitetura [...]. “Os arquitetos chineses parecem muito conscientes em expressar a identidade da China pelo seu projeto de construção, seja conceitualmente ou criando linguagens arquitetônicas formais e visuais”, explica [Hiroyuki] Shinohara [professor de Arquitetura da Universidade de Nottingham, em Ningbo, China]. (Idem)

## 2 | ARQUITETURA DA CHINA ANTIGA: UM BREVE CONTEXTO

De acordo com Steinhardt (2019: 1), quando ambos os termos “arquitetura” e “chinesa” são conjugados, praticamente qualquer indivíduo de qualquer continente, em geral sem hesitação, visualiza um edifício da Cidade Proibida, em Pequim, o maior complexo arquitetônico de madeira do mundo (SHANGAI DAILY, 2018), construído entre 1406 e 1420 sob a ordem do Imperador Yongle, da dinastia Ming (1368–1644). Ao idealizar a arquitetura da China Antiga, também é provável que automaticamente venha à mente a imagem do Salão da Harmonia Suprema (c. 1406), a maior edificação da Cidade Proibida, com características que podem ser observadas em inúmeros outros exemplares desta arquitetura, como a alta plataforma de pedra, colunas vermelhas de madeira, complexos conjuntos de suportes e um

telhado com detalhes de cerâmica dourada. Em geral, são as estruturas de madeira e seus conjuntos de suporte que se destacam como aspectos característicos da cultura arquitetônica chinesa (Idem).



FIGURA 7: Vista aérea da Cidade Proibida, em Pequim.

FONTE: Easy Tour China, 2019. Disponível em: [https://www.easytourchina.com/images/Photo/forbidden-city/p684\\_d20160516162920.jpg](https://www.easytourchina.com/images/Photo/forbidden-city/p684_d20160516162920.jpg). Acesso em 16 de jul. 2019.

Ainda segundo Steinhardt (2019: 1), madeira, tijolo, pedra e cerâmica foram os quatro materiais construtivos predominantes ao longo dos cinco milênios que compõem a história da China. Antigos manuais de construção, manuscritos e tratados chineses, como o *Mujing* (“Manual de trabalho com madeira”, Yu Hao, 956–89), o *Yingzao Fashi* (“Padrões de edifícios estatais”, Li Jie 1065–1110) e o *Qing Gongbu Gongcheng Zuofa* (“Padrões de arquitetura Qing”, um guia de arquitetura oficial da Dinastia Qing (1644–1911), compilado no ano de 1734 (SHANGAI DAILY, 2018), demonstram que a arquitetura chinesa, durante milênios, resguardou uma linguagem essencial:

Esses manuscritos e tratados não só registraram os métodos, práticas e técnicas tradicionais na produção das complicadas estruturas de madeira, mas também estabeleceram padrões e medições específicas para componentes e suportes arquitetônicos de madeira. Então, é por isso que muitos edifícios chineses antigos, especialmente templos e palácios, compartilhavam características estruturais uniformes. (SHANGAI DAILY, 2018)



FIGURA 8: Salão da Harmonia Suprema, na Cidade Proibida.

FONTE: Wikipedia, 2019. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b0/Hall\\_of\\_Supreme\\_Harmony\\_2018.\\_Forbidden\\_City.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b0/Hall_of_Supreme_Harmony_2018._Forbidden_City.jpg). Acesso em 16 de jul. 2019.



Scarpari (2006: 104) afirma são poucos os restos preservados das obras arquitetônicas da China Antiga, que eram sistematicamente construídas com materiais perecíveis. A opção de produzir elementos estruturais em madeira determinou o desaparecimento de quase todas as edificações do período imperial até a dinastia Tang, no Segundo (ou Médio) Império; aos materiais resistentes ao desgaste do tempo eram destinadas funções decorativas. Huang, Ozkaya e Krishnamurti (2005: 103), apontam que o maior número de exemplares preservados pertence às dinastias Ming e Qing, do Terceiro Império (ou Império Tardio). De qualquer modo, desde os tempos mais remotos e em tipologias de caráter variado (público, privado, imperial, religioso etc<sup>7</sup>), os fundamentos arquitetônicos, que ditavam todas as práticas construtivas, haviam sido estabelecidos séculos antes (STEINHARDT, 2019: 1).

Durante as Três Dinastias pré-imperiais<sup>8</sup>, as construções provavelmente não apresentaram inovações importantes em relação ao período anterior, que eram semi-enterradas ou erguidas sobre palafitas (no sul). A partir do século IX a.C., os tetos de palha, colocados em vários andares em posição inclinada para facilitar o escoamento da água da chuva, foram gradualmente substituídos por telhados construídos com telhas de terracota ou semicilíndricas. (SCARPARI, 2006: 105–7)

Alencar, Cerqueira e Canêdo (2012) afirmam que a arquitetura da China é tão antiga quanto sua civilização; ao longo do vasto território chinês, no entanto, predomina o mesmo sistema de construção, fundamentado, sobretudo, em três pontos centrais: 1) a madeira como material construtivo de destaque e seus componentes principais (conjuntos de suportes (斗拱), treliças (屋架) e teto ornamentado (藻井); 2) a lógica modular de montagem, conforme apontam Huang, Ozkaya e Krishnamurti (2005: 103): “Os chineses tradicionalmente adotavam uma abordagem de design modular – incorporando humanismo, economia e tecnologia – que podem ser sujeitos a regras<sup>9</sup>”; e 3) o padrão básico de construção, que compreende as regras da planta e o sistema do telhado; esse padrão facilita o cálculo, o dimensionamento e a instalação dos componentes da estrutura e representa a essência de qualquer descrição de edificações construídas na China Antiga (Ibidem: 105). Os itens que o constituem são explanados a seguir:

a) Regras da planta: a largura de um edifício de pequena escala era geralmente ditada pela quantidade de *jian* (termo que designa “cômodo”) e pela distância horizontal entre os pontos médios das duas terças adjacentes da cobertura. O espaço central era representado pelo *ming* (“luz”); os cômodos das extremidades, pelo *shao* (“ponta”); e os cômodos intermediários, pelo *ci* (“secundário”) (Ibidem: 103):

---

7 Conforme Steinhardt (2019: 1), tratados chineses não categorizam edifícios de acordo com sua função, mas sua importância ou, às vezes, seu material construtivo. A madeira, o material mais utilizado para conjuntos de suportes, recebe mais atenção, tal como os edifícios mais importantes, que são diferenciados em relação aos de menor escala por serem menos importantes.

8 Isto é, as dinastias Shang, Zhou oriental e Zhou ocidental.

9 Tradução livre de: “*The Chinese traditionally adopted a modular design approach—embodying humanism, economics and technology—which can all be captured by rules.*”



FIGURA 9: Esquemas que ilustram possibilidades de arranjo das regras da planta.

FONTE: HUANG; OZKAYA; KRISHNAMURTI, 2005: 103. Elaborado pelos autores.

b) Sistema do telhado: as regras deste sistema trabalhavam visando à perfeita junção entre estrutura e forma. De acordo com Huang, Ozkaya e Krishnamurti (2005: 104), era utilizada a técnica *jujia*, que consistia em elevar as treliças nível após nível para gerar a forma curva do telhado, aspecto característico da arquitetura chinesa. Na China Antiga as treliças eram feitas, sobretudo, de madeira (SHANGAI DAILY, 2018).

Ao longo de milhares de anos, as treliças chinesas desenvolveram lentamente características distintas. As treliças de madeira chinesas eram na maior parte retangulares, com trabalho de carpintaria e conjuntos de suporte, enquanto os países ocidentais usualmente construíam treliças triangulares. (SHANGAI DAILY, 2018)

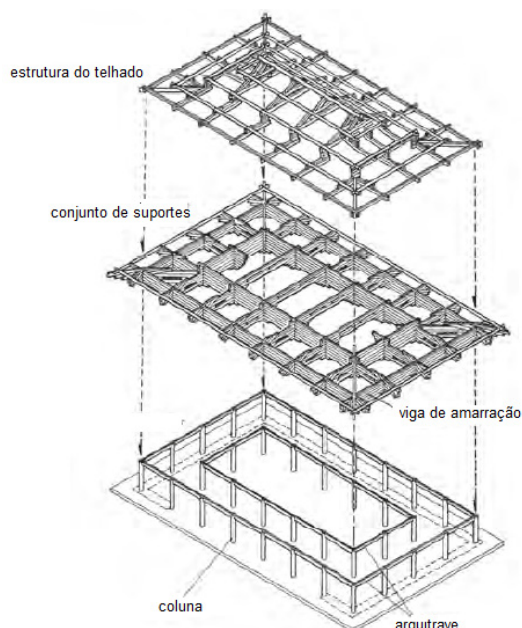


FIGURA 10: Esquema que facilita a visualização das camadas da estrutura.

FONTE: STEINHARDT, 2019: 6. Modificado pelos autores.

A lógica modular de montagem mencionada em parágrafo anterior consistia em conceber uma estrutura formal cujas dimensões do elemento (pilar, viga etc) se relacionavam entre si; essa relação podia ser obtida também entre cada elemento e o conjunto (isto é, o edifício como um todo). Por meio dessa lógica poderia ser alcançado um resultado proporcional, além de facilitar o cálculo de novos elementos quando estes necessitavam de substituição ou reparação, uma vez que as dimensões das peças estavam proporcionalmente relacionadas umas às outras, tanto em edifícios monumentais como de pequena escala, conforme aponta Steinhart (2019: 1): “A rede interligada de elementos verticais, horizontais, diagonais ou curvos de madeira [...] é o resultado de um sistema modular em que a medição de quase qualquer peça pode ser calculada a partir das dimensões de outra peça.”<sup>10</sup>

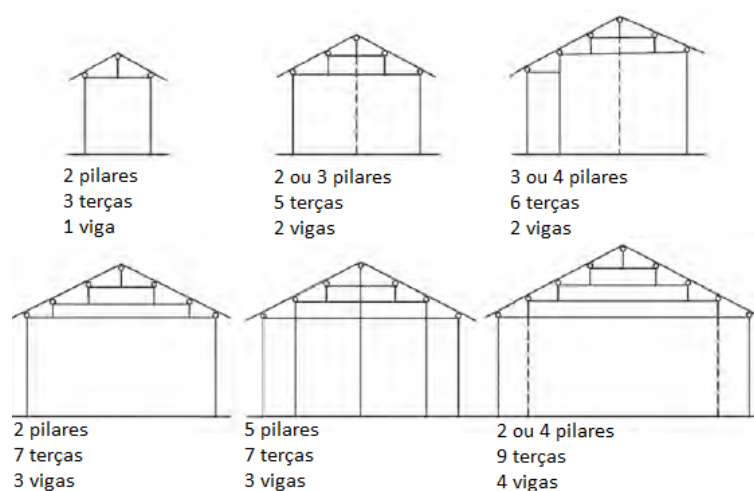


FIGURA 11: Lógica modular da arquitetura da China Antiga, aplicada a edifícios de qualquer escala, que resultava em formas arquitetônicas proporcionais.

FONTE: STEINHARDT, 2019: 5. Modificado pelos autores.

Algumas características da arquitetura da China Antiga, de acordo com Alencar, Cerqueira e Canêdo (2012), resultaram do uso da madeira, como a já mencionada determinação do espaço interior pela armação estrutural; o desenvolvimento da técnica de aplicar verniz à estrutura para preservá-la; e a técnica de construir uma plataforma para prevenir danos provenientes da umidade. A plataforma, segundo Huang, Ozkaya e Krishnamurti (2005: 103), desempenha um importante papel na aparência desta arquitetura. Uma vez incorporada a edificações de caráter monumental, como o Salão da Harmonia Suprema (c. 1406), na Cidade Proibida, é possível conjecturar que uma das finalidades da plataforma era também a de contribuir para a monumentalidade da arquitetura por meio da elevação desta em relação ao nível do solo, fato que lhe atribuía uma dimensão de poder condizente com as autoridades divinas representadas pelos imperadores chineses. A esse respeito e acerca da Cidade Proibida, onde o

<sup>10</sup> Tradução livre de: “The interlocking network of vertical, horizontal, and sometimes diagonal or curved wooden members [...] is the result of a modular system whereby the measurement of almost any piece can be calculated from the dimensions of another piece.”

Salão da Harmonia Suprema está localizado, Holdsworth (1998, apud **Fiederer**, 2017) aponta que

Após sua conclusão, a Cidade Proibida foi a joia da coroa da nova capital da Dinastia Ming. Pouco depois foi considerado *Zijincheng*, ou a “Cidade Proibida Púrpura”. Este nome não fazia alusão à cor do próprio palácio, mas à Estrela do Norte, implicando que o mundo girava em torno do Imperador e da Cidade Proibida da mesma forma que os céus giravam sobre a Estrela do Norte.



FIGURA 12: Representação de um exemplar da arquitetura da China Antiga com sua estrutura explodida, que permite uma melhor visualização de encaixes e da espacialidade interior.

FONTE: CGTN.COM, 2018. Disponível em: [https://news.cgtn.com/news/3d3d674d32496a4d79457a6333566d54/share\\_p.html](https://news.cgtn.com/news/3d3d674d32496a4d79457a6333566d54/share_p.html). Acesso em 15 jul. 2019.



FIGURA 13: Complexidade arquitetônica de uma edificação construída nos moldes da arquitetura da China Antiga.

FONTE: ALENCAR; CERQUEIRA; CANÊDO, 2012.

## 2.1 A tentativa de manter o viés antigo na arquitetura

[...] em 1986, Xangai foi designada Cidade Histórica Nacional, e redigiu-se um “Plano de preservação para a cidade histórica”, que vincula algumas centenas de edifícios individuais, 234 quarteirões e 440 grupos de edifícios, antigos e modernos. (BENEVOLO, 2011: 431)



A consciência cultural chinesa, no sentido de preservar as tradições no âmbito da arquitetura, pode ser observada no ato da elaboração do Plano de preservação para a cidade histórica, em 1986, e também no surgimento de estudos centrados nos *hutongs*<sup>11</sup>, cuja demolição constituiu uma tentativa de urbanização dessas áreas por parte do governo, objetivando a construção de grandes empreendimentos e o alargamento de ruas e avenidas; essas iniciativas foram aos poucos destruindo as edificações mais antigas da cidade e desconfigurando o tecido urbano original (ARANTES, 2011: 102–3):

O ministro da Cultura, Sun Jiamai, lamentou, em maio de 2006, a destruição da velha Pequim, mas não conseguiu frear os tratores nem as escavadeiras. Nos últimos anos, 3 milhões de chineses foram expulsos para os subúrbios de Pequim, ganhando indenizações irrisórias. Para dar lugar a largas avenidas, viadutos, condomínios. Há histórias terríveis de incêndios criminosos para obrigar moradores relutantes a abandonar suas casas. (JUNSKOWSKI, 2018)



FIGURA 14: *Hutong* em Pequim.

FONTE: ARANTES, 2011: 130.

Na década de 1980 o professor Wu Liangyong, da Universidade de Tsinghua, ao estudar os *hutongs*, os encontrou superlotados, congestionados, privados de infraestrutura e expostos ao risco de inundações, de modo que sua equipe universitária propôs a remodelação da parte remanescente do bairro (BENEVOLO, 2011: 441). Segundo Pei Zhu, “Os *hutongs* são a memória desta cidade, a base cultural e arquitetônica da antiga Pequim e por isso precisam ser salvos” (JUNSKOWSKI, 2018). Com base na rápida urbanização verificada no país é possível concluir que da opinião do arquiteto não compartilha o próprio governo chinês.

11 Bairros de origem antiga formados por casas térreas reunidas em torno de pátios e acessados por pequenas ruas para pedestres (BENEVOLO: 2011, 440) que, segundo Aquino (2008), “traduzem uma maneira [chinesa] de viver, com seus labirintos orgânicos e suas casas de portas abertas”. Arantes (2011: 103) aponta que “os poucos hutongs originais que ainda restam, com suas ruelas de pequenas residências e pequenos negócios, onde só se circula de bicicleta, destoam frontalmente da Nova Pequim e logo deverão dar lugar a outras construções mais adequadas à paisagem reinventada pelos empreendedores imobiliários [...]”



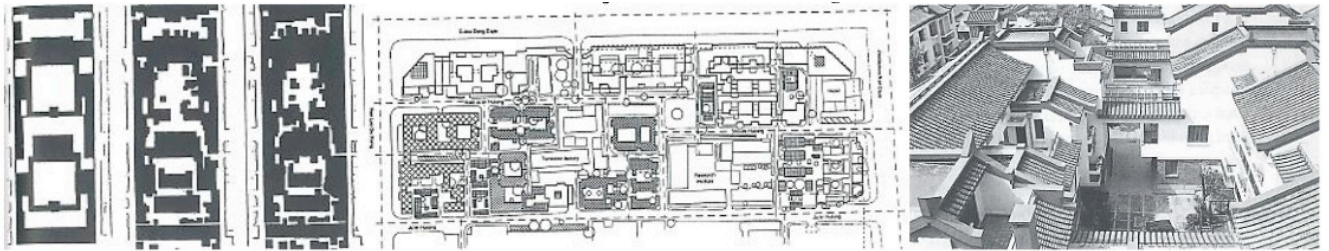


FIGURA 15: Transformação de um *hutong* na década de 1980.

FONTE: BENEVOLO, 2011: 441.

Outra tentativa que visa resgatar a memória e preservar as tradições chinesas, mesmo que a nível de superfície, pode ser observada na Torre Pérola Oriental, situada no distrito de Pudong, em Xangai. A forma do arranha-céu de quatrocentos e sessenta e oito metros de altura, que atualmente pertence à Federação Mundial das Grandes Torres, foi inspirada em trecho do poema *Canção de um tocador de alaúde*<sup>12</sup>, criado pelo poeta Bai Juyi (白居易, 772–846), da dinastia Tang (618–907). Conforme aponta o *website* do *The World Federation of Great Towers (WFGT)*, os arquitetos responsáveis pelo formato da torre consideraram a localização geográfica e o papel histórico de Xangai no momento de conceber as três esferas de distintas dimensões que, destacando-se na paisagem, criam um conceito poético de “grandes e pequenas pérolas que caem sobre um prato de jade”<sup>13</sup>: as esferas representariam as pérolas e, o rio Rio Huangpu – o maior de Xangai –, representaria o prato de jade.



FIGURA 16: Torre Pérola do Oriente (1991–95), em Xangai, de autoria de Jia Huan Cheng (Shanghai Modern Architectural Design Co. Ltd.).

FONTE: Storyblock Videos, 2019. Disponível em: [https://www.videoblocks.com/video/night-shanghai-pearl-oriental-tower-bridge-up-view-4k-timelapse-china-haz3exd7\\_gje6bos76](https://www.videoblocks.com/video/night-shanghai-pearl-oriental-tower-bridge-up-view-4k-timelapse-china-haz3exd7_gje6bos76). Acesso em 15 de jul. 2019.

<sup>12</sup> Tradução livre de “Song of a pipa player” ou “琵琶行”.

<sup>13</sup> Conforme o último verso da estrofe do poema *Canção de um tocador de alaúde*, de Bai Juyi:

“大弦嘈嘈如急雨,

*The thick strings loudly thrummed like the pattering rain,*

小弦切切如私语.

*The fine strings softly tinkled in a murmuring strain.*

嘈嘈切切错杂弹,

*When mingling loud and soft notes were together played,*

大珠小珠落玉盘.

*You heard large and small pearls cascade on plate of jade.”* (CHINESE CULTURE LOVERS, 2019)



FIGURA 17: Vista do Rio Huangpu em primeiro plano e da Torre Pérola do Oriente ao fundo.

FONTE: China Tour Guide, 2019. Disponível em: [http://www.chinatourguide.com/Shanghai/oriental\\_pearl\\_tower.html](http://www.chinatourguide.com/Shanghai/oriental_pearl_tower.html). Acesso em 19 de jul. 2019.

Segundo Benevolo (2011: 435), seis anos após a finalização da Torre Pérola do Oriente, em razão de uma renovação administrativa, foi avaliado em Xangai o que sobrou da cidade tradicional, em particular das Concessões estrangeiras. Foi requerido o aumento de áreas verdes e houve a tentativa de conduzir parte do crescimento da metrópole onde, à época, estava em emergência a nova consciência cultural de que era preciso preservar as tradições arquitetônicas do país, ideia central observada no discurso de Pei Zhu, arquiteto chinês, em 2008: “Uma cidade que desrespeita sua história e sua cultura acaba entrando em declínio” (AQUINO, 2008). O arquiteto concebeu o Centro de Comando Digital Olímpico (2007), um conjunto de quatro lâminas monumentais, tendo em vista a junção entre antigo e contemporâneo: o antigo é representado pela pedra cinza, material comumente empregado na arquitetura chinesa tradicional; o contemporâneo, pelo projeto de iluminação das fachadas externas, que fazem alusão ao tema da edificação e, simultaneamente, à avançada tecnologia do século XXI.



FIGURA 18: Centro de Comando Digital Olímpico, projeto do arquiteto chinês Pei Zhu finalizado em 2007.

FONTE: Wikipedia, 2019. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c e / % E 6 % 9 5 % B 0 % E 5 % A D % 9 7 % E 5 % 8 C % 9 7 % E 4 % B A % A C % E 5 % A 4 % A 7 % E 5 % 8 E % A 6 \\_ 2 0 1 3 0 6 1 0 . J P G](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c e / % E 6 % 9 5 % B 0 % E 5 % A D % 9 7 % E 5 % 8 C % 9 7 % E 4 % B A % A C % E 5 % A 4 % A 7 % E 5 % 8 E % A 6 _ 2 0 1 3 0 6 1 0 . J P G). Acesso em 15 de jul. 2019.



FIGURA 19: Ode à tecnologia: o Centro de Comando Digital Olímpico durante a noite.

FONTE: Forlightled, 2012. Disponível em: <http://www.forlightled.com/works-display/led-light-bar-screen/beijing-digital-building.html>. Acesso em 19 de jul. 2019.

Não obstante a estandarização da arquitetura chinesa observada nas últimas décadas, decorrente da acelerada urbanização das cidades, é possível notar a inclinação de alguns arquitetos chineses à preservação do viés antigo nas formas arquitetônicas contemporâneas, diligência possibilitada pelo avanço da tecnologia que, por sua vez, permitiu o desenvolvimento de técnicas construtivas. Ainda que a tentativa de preservação seja concretizada de modo superficial, como nos casos da Torre Pérola do Oriente e do Centro de Comando Digital Olímpico, tal feito não deslegitima a intenção de resgate do antigo. De qualquer modo, a maneira como são recuperadas antigas ideias e soluções arquitetônicas para serem aplicadas na contemporaneidade pode representar o ponto-chave para uma análise da “nova” arquitetura do país.

### 3 | O ANTIGO NO CONTEMPORÂNEO: O CASO DO CONJUNTO HABITACIONAL PARA AGRICULTORES NA VILA DE DONGZIGUAN

[...] viajando pelo país, pode-se constatar que muitos chineses, particularmente nas áreas rurais, ainda vivem em moradias com estrutura de madeira. (SHANGAI DAILY, 2018)

Como conjunto de ideias [...] a tradição é conservada, reassimilada e até transformada. Apesar de não ser *engessada*, pressupõe uma continuidade persistente que mantém a integridade de uma essência, um caráter, que resiste às mudanças desintegradoras. (TEIXEIRA, 2010: 17)

[...] durante a maior parte da história a modernidade reconstruiu a tradição enquanto a dissolvia. (BECK; GIDDENS; LASH, 1997, apud TEIXEIRA, 2010: 18)

Conforme foi possível observar na primeira parte desse estudo, desde o início do processo de urbanização da China tem sido acentuada, de modo exponencial, a desigualdade social no país, cujos desdobramentos tem acarretado à população periférica, geralmente migrante, condições inadequadas de moradia, utilização de sistemas de mobilidade urbana sobrecarregados, falta de acesso à infraestrutura básica, situações de criminalidade, entre outros. Os indivíduos que compõem essa população, de acordo com o documentário alemão *Chinas explodierende Städte* (ZDF/3SAT, 2016), submetem-se a todos esses percalços não por si próprios, mas para que seus filhos possam estudar nos grandes centros urbanos: “a educação é uma pré-condição para um futuro melhor” (Idem).

Ainda que precárias, de modo geral, algumas moradias periféricas podem ser mais adequadas à habitação que as rurais, conforme aponta Padula (2014: 466) ao mencionar o caso de apartamentos populares construídos pelo governo para migrantes em bairros afastados, que chegam a possuir 60 m<sup>2</sup>; por outro lado, moradias rurais costumam ter cerca de 10 m<sup>2</sup>. Não obstante a maior parte da população chinesa seja, atualmente, urbana, 42% desta ainda habita áreas rurais<sup>14</sup>, percentual que englobava cerca de 200 milhões de famílias de agricultores em 2017 (POMAR, 2017). De acordo com Xie (2014), nas últimas décadas a maior parte das áreas rurais da China tem experimentado um lento – porém consistente – processo de transformação, que se deve ao desenvolvimento econômico do país:

A maioria das aldeias está ligada a estradas pavimentadas; quase todos os lares têm uma motocicleta – o meio mais conveniente de transporte em faixas estreitas e montanhosas – e uma linha telefônica, além de eletrodomésticos modernos como TV em cores e máquina de lavar roupa. Os telefones celulares são onipresentes e os carros particulares não são mais um luxo inédito. (Idem)

Segundo Padula (2014: 465), os registros mais remotos sobre a civilização chinesa mostram o quanto o destino de qualquer cidadão chinês é fortemente atrelado à terra e a seu domicílio. O conteúdo dessa afirmação pode ter sido o responsável

14 Conforme mostra o Gráfico 1, elaborado pela Gazeta do Povo em 2019.



pela iniciativa do governo local de Fuyang, distrito pertencente a Hangzhou (capital da província de Zhejiang, a leste da China), que recentemente decidiu financiar o projeto de um conjunto habitacional na vila de Dongziguan com o objetivo de aprimorar a qualidade de vida dos agricultores locais. A vila, situada ao lado do rio Fuchun, teve parte de suas habitações demolidas no ano de 2014 em decorrência de um reordenamento (WENWEN, 2017: A15), acontecimento que instigou o governo municipal de Dongziguan a realocar os agricultores que perderam suas moradias. Em razão do projeto, executado no ano de 2016, esta vila conquistou reconhecimento internacional.



FIGURA 20: Localização da vila de Dongziguan em relação a Xangai.

FONTE: Google Maps, 2019. Modificado pelos autores.

Em colaboração com a Universidade de Hangzhou, o escritório chinês encarregado do projeto Gad Line + Studio buscou, por meio da arquitetura, uma solução para o problema que tem subsistido nas áreas rurais chinesas: segundo a empresa, conduzida pelo arquiteto Fanhao Meng, muitos centros agrícolas do país foram negligenciados pelos investidores e, o dinheiro, destinado à remodelação de grandes cidades; por conseguinte, jovens trabalhadores migraram para os centros urbanos (SILBERT, 2018); se acentuado, esse fluxo pode enfraquecer a prática da agricultura em razão da escassez de mão de obra. A esse respeito, Xie (2014) afirma que o governo chinês negligencia a governança rural e a deixa por sua própria conta e risco<sup>15</sup>. É possível apontar, como consequência do desinteresse governamental nas áreas rurais do país, a própria migração rural-urbana, que, para além de configurar um problema de ordem urbanística, está imbuída em um sentimento avassalador de não pertencimento; talvez seja essa, inclusive, sua dimensão mais delicada. A humanidade, de acordo com Oliveira (2017: 94), foi capaz de produzir, ao longo de sua história, noções de inclusão e exclusão, de iguais e diferentes e de pertencimento e de não pertencimento; estas duas, poder-se-ia afirmar, podem ser diretamente influenciadas

15 Tradução livre de: “The Chinese government neglects rural governance at its own risk.”

pelo contexto físico (ou território) onde o indivíduo habita. Com base em Di Méo e Buléon (2005), Jorge (2009: 242) conclui que há uma forte relação entre as noções de pertencimento, identidade e território, e que “os seres humanos têm, intransitivamente, de pertencer”:

Mas o que poderia promover a ideia de pertencimento? O território também vem sendo entendido pelos geógrafos sociais [...] como formas de raízes e apego aos lugares, de acordo com o princípio da identificação cultural. A construção do território não se revela apenas de modo material, mas também por meio de ações, discursos, mitos e valores que ele contém. (Ibidem: 242–3)

A equipe do Gad Line + Studio, em busca dos “discursos, mitos e valores” acima mencionados, conduziu esforços no sentido de reunir informações sobre os agricultores e seus hábitos de vida por meio de visitas técnicas<sup>16</sup> e entrevistas realizadas tanto com os futuros usuários do conjunto habitacional como com seus familiares; o diálogo, utilizado como ferramenta projetual de apoio, permitiu aos arquitetos a configuração de espaços plenamente adaptados às tradições rurais. O termo “tradição”, segundo o Dicio: Dicionário Online de Português (2019), representa o conjunto de costumes transmitidos de geração a geração ou “aquilo que se faz por hábito”<sup>17</sup>, palavra que dá origem ao verbo “habitar”. Conforme aponta Teixeira (2010: 23), “O habitar relaciona-se aos aspectos cognitivos de interpretação do ser sobre seu espaço e de seu grupo em confronto com seus desejos e possibilidades” e “As formas de habitar são parte da cultura de um povo” (Ibidem: 55). Verifica-se, portanto, que as noções de habitar, hábitos e tradições estão intimamente relacionadas.

Isto posto, de que modo as tradições dos agricultores da vila de Dongziguan poderiam ser traduzidas para a linguagem arquitetônica? É possível iniciar uma resposta para essa pergunta resgatando os aspectos superficiais da arquitetura da China Antiga anteriormente expostos. Se, de acordo com Teixeira (2010: 18), o fator que identifica e define uma “tradição” é a existência de uma cadência de fenômenos repetitivos que decorrem dela, poder-se-ia dizer que os materiais construtivos recorrentemente empregados nesta arquitetura – madeira, tijolo, cerâmica e pedra – ao longo de seus cinco milênios representam a “tradição”, em termos de arquitetura, da China Antiga. Não apenas os materiais, mas também formas e soluções arquitetônicas, da regra da planta ao sistema do telhado e da plataforma de pedra e o teto ornamentado; juntos, esses aspectos formariam a linguagem chinesa “tradicional”.

De acordo com Beck, Giddens e Lash (1997, apud Teixeira, 2010: 17), “a integridade da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do trabalho contínuo de interpretação do que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado”. Nesse sentido, é possível conjecturar que o caráter de permanência da linguagem arquitetônica estabelecida da China Antiga visava construir

16 Segundo Wenwen (2017: A15), o arquiteto Fanhao Meng e sua equipe visitaram a vila de Dongziguan mais de cem vezes durante a elaboração do projeto.

17 Dicio: Dicionário Online de Português, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tradicao/>. Acesso em 19 de jul. 2019.

não apenas um repertório arquitetônico para aquele presente, mas também para o futuro (isto é, a nossa contemporaneidade):

[...] a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência [...] para o presente. Mas evidentemente, em certo sentido e em qualquer medida, a tradição também diz respeito ao futuro, pois as práticas estabelecidas são utilizadas como uma maneira de se organizar o tempo futuro. (Ibidem: 18)

As tradições de uma civilização, seja no âmbito da arquitetura ou em outras esferas, interconectam passado, presente e futuro; em se tratando dos ecos da linguagem arquitetônica antiga no conjunto habitacional da vila de Dongziguan, é possível afirmar que a contemporaneidade remodelou, de certo modo, a tradição; a globalização, por sua vez, atua no fortalecimento dessas tradições, uma vez que a facilidade de comunicação que existe no mundo contemporâneo permite a difusão cultural de pequenos grupos e suas articulações em rede, conforme aponta Teixeira (2010: 19): “[...] a tradição não é vista como algo distante e separado em um tempo longínquo, mas como uma espécie de linha contínua que envolve o passado e futuro [...]”.



FIGURA 21: Conjunto habitacional na vila de Dongziguan: segundo Wenwen (2017: A15), a morfologia das quarenta e seis habitações do projeto, oferecidas aos agricultores a preços acessíveis, foi inspirada na obra de Wu Guanzhong (1919–2010), considerado “o fundador da pintura chinesa moderna”.

FONTE: WENWEN, 2017: A15.



FIGURA 22: *The Hometown of Lu Xun* (1977), pintura de Wu Guanzhong. 46 x 61cm, óleo sobre tela

FONTE: Artnet, 2019. Disponível em: <http://www.artnet.com/artists/wu-guanzhong/the-hometown-of-lu-xun-JWNWP-FFRbEiaCNG3PRxCg2>. Acesso em 21 de jul. 2019.



Ainda no que diz respeito aos aspectos arquitetônicos superficiais transpostos da arquitetura antiga para a contemporânea, no conjunto habitacional da vila de Dongziguan foram associados tijolos e portas de madeira – materiais construtivos tradicionalmente chineses – a janelas envidraçadas; a respeito do vidro, sabe-se que sua utilização na arquitetura somente foi impulsionada após o advento da Revolução Industrial (c. 1760–1840). Silbert (2018) afirma que a combinação de tais elementos evoca o “*design* chinês histórico” e a dimensão reduzida das aberturas atende às demandas do ambiente tipicamente quente da região. Ademais, pode-se observar que o projeto procurou organizar os blocos de habitação ao redor de pátios de modo a remeter a uma configuração tradicionalmente chinesa. Para além de uma mera tipologia arquitetônica, o pátio resgata a dimensão comunal do cotidiano da vila, sobretudo em razão de esses espaços configurarem interstícios entre as edificações e, por conseguinte, serem compartilhados entre os habitantes, como, segundo Silbert (2018), tradicionalmente teriam sido as vilas da China Antiga.



FIGURA 23: A vila de Dongziguan vista de cima.

FONTE: PROJECTION. 映社动态影像制作 Disponível em: <https://www.project-ion.co/dongziguan-village>. Acesso em 18 de jul. 2019.



FIGURA 24: Desenhos técnicos do projeto. Da esquerda para a direita: planta de implantação geral, planta baixa geral do nível térreo e planta baixa do nível térreo de um setor ampliado, que mostra a relação entre seis blocos de habitação e o pátio compartilhado.

FONTE: Archdaily, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com/802369/contemporary-rural-cluster-dongziguan-affordable-housing-for-relocalized-farmers-in-fuyang-hangzhou-gad>. Acesso em 19 de jul. 2019.

Com base na pesquisa sobre as tradições dos agricultores, desenvolvida pela equipe encarregada do projeto, foi possível configurar o *layout* da planta baixa geral

de maneira que os hábitos dos usuários norteassem as principais diretrizes projetuais. Outrossim, o projeto inaugura o diálogo de como arquitetos podem contribuir para o desenvolvimento de áreas rurais com apoio governamental (ARCHDAILY, 2017). A releitura do antigo sob a ótica da contemporaneidade evidencia o valor intrínseco das tradições e oferece aos agricultores a oportunidade de pugnar pela subsistência da vida rural, a despeito do desinteresse governamental preponderante. A realocação física tende a ensejar uma reavaliação de vida e, no caso, pode propiciar o fortalecimento das tradições locais, do sentimento de pertencimento a um grupo e da noção de coletividade.

O sentido do pertencimento, segundo Sá (2005: 2)<sup>18</sup>, se estabelece sobre laços pessoais de reconhecimento mútuo e no sentimento de adesão a princípios de visões de mundo comuns, *que fazem com que as pessoas sintam participantes de um espaço-tempo (origem e território) comum.* (JORGE, 2009: 243)

Na vila de Dongziguan, a maioria dos agricultores ainda vive em habitações degradadas (ARCHDAILY, 2017), situação que se estende para outras vilas rurais chinesas. Segundo Wenwen (2017: A15), o projeto do conjunto habitacional nesta vila faz parte de um programa governamental iniciado no ano de 2005 para coordenar o desenvolvimento urbano e rural; entretanto, a autora aponta que, embora muitas vilas do país tenham sido remodeladas em razão desse programa, nem todas obtiveram a mesma qualidade projetual observada em Dongziguan:

Em muitos casos, novas casas construídas no interior do país refletem o que o arquiteto vencedor do prêmio Pritzker, Wang Shu, apelidou de “casas de campo de estilo americano”. Ele disse que essas casas estavam destruindo aldeias chinesas icônicas. Ele foi igualmente contundente sobre o “falso estilo antigo” usado para atualizar algumas casas antigas da aldeia. (Idem)

Conceber um projeto contemporâneo que visa à releitura de aspectos arquitetônicos antigos reclama um processo projetual minucioso cuja dimensão mais importante seja, talvez, a sensível, pois esta se trata essencialmente de uma tarefa de (re)interpretação de linguagens arquitetônicas e técnicas construtivas que não são adotadas na contemporaneidade exatamente como teriam sido em outros tempos. Em geral, costuma-se definir esse tipo de arquitetura como “vernacular”. Segundo Frampton (2003: 381–2) um vernáculo era outrora produzido espontaneamente pela “interação combinada entre clima, cultura, mito e artesanato”. Em outras palavras, a arquitetura vernacular é produzida com vistas a preservar técnicas, materiais e o caráter de uma determinada região; já conforme definido por Lemos (1989, apud Teixeira, 2010: 67) o vernáculo seria uma arquitetura “pura”, isto é, livre de influências estrangeiras, e deve se encontrar em um sistema fechado, onde um saber construtivo é transmitido entre as gerações de um grupo: “O domínio da técnica é totalmente empírico e o uso de materiais, em geral naturais, próprios do local, é intenso. *A arquitetura vernacula é desprovida da figura do arquiteto.*” (Grifo nosso) (Idem). A plena compreensão dos

18 SÁ, Lais Mourão. Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA/DEA, 2005, p. 245–56.

fundamentos da arquitetura vernacular de uma determinada região, elaborada pelos próprios habitantes com materiais construtivos oriundos do contexto físico circundante, é a mais pura fonte para a produção acertada de uma arquitetura contemporânea que visa à reinterpretação da linguagem arquitetônica de um grupo, uma vez que um vernáculo é originalmente imbuído de “discursos, mitos e valores”, nos termos de Jorge (2009: 242–3), desse mesmo grupo.



FIGURA 25: A Vila de Dali, na província de Guizhou, localizada na região sudoeste da China, é uma das regiões onde são encontrados exemplares do que poderia ser chamada “arquitetura vernacular” chinesa.

FONTE: CNN, 2014. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/02/16/opinion/china-countryside-opinion-xie/index.html>. Acesso em 18 de jul. 2019.

À luz de uma arquitetura vernacular tal como a observada na Vila de Dali, a equipe do Gad Line + Studio buscou conceber um conjunto habitacional contemporâneo na vila de Dongziguan que não apenas preservasse os hábitos locais originais, mas também resistisse aos moldes da atual arquitetura residencial chinesa que, em geral, é constituída de edificações em altura, em formato de barra (ARCHDAILY, 2017), e remete à linguagem do *International style* preconizada pelo Movimento Moderno. Conforme aponta Montaner (2001: 8), a questão do papel que venha a ter a história representa o lado mais vulnerável e ambíguo da corrente da arquitetura moderna, que está baseada na ênfase do novo em detrimento da tradição. Em oposição a essa ideia, a morfologia do conjunto habitacional da vila de Dongziguan buscou como inspiração primária o próprio conjunto de tradições chinesas e as abstraiu, refinou e reinterpretou por meio de uma compreensão atual (ARCHITECTURAL DESIGN SCHOOL, 2017). O resultado desse esforço pode ser observado no *design* dos blocos de habitação, que funde antigo e contemporâneo e cria uma nova linguagem arquitetônica.





FIGURA 26: O antigo no contemporâneo no conjunto habitacional da vila de Dongziguang.

FONTE: Archdaily, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com/802369/contemporary-rural-cluster-dongziguang-affordable-housing-for-relocalized-farmers-in-fuyang-hangzhou-gad>. Acesso em 19 de jul. 2019.

O viés social do projeto proposto para a vila de Dongziguang pode ser identificado na acessibilidade, em termos de valor, das habitações oferecidas aos agricultores realocados. Visto que o orçamento disponibilizado para sua execução era limitado, poder-se-ia presumir que a necessidade de uma lógica construtiva econômica resultasse na adoção de padrões construtivos que inevitavelmente resvalariam em uma linguagem arquitetônica também padronizada. Entretanto, como aponta Silbert (2018), embora as habitações tenham sido projetadas para parecerem semelhantes, as formas assimétricas dos telhados proporcionam caráter e individualidade aos blocos. À vista disso, verifica-se a ressignificação de um elemento tradicional da arquitetura chinesa: ao passo que, na arquitetura da China Antiga, as regras do sistema do telhado visavam à perfeita junção entre estrutura e forma (HUANG; OZKAYA; KRISHNAMURTI, 2005), na proposta para o conjunto habitacional da vila de Dongziguang a forma ultrapassa o caráter meramente estético e opera também como fator de distinção.



FIGURA 27: Conjunto habitacional na vila de Dongziguang, distrito de Fuyang, China: projeto arquitetônico contemporâneo do escritório Gad Line + Studio.

FONTE: Archdaily, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com/802369/contemporary-rural-cluster-dongziguang-affordable-housing-for-relocalized-farmers-in-fuyang-hangzhou-gad>. Acesso em 19 de jul. 2019.

De acordo com Wenwen (2017: A15), há dez anos Dongziguang era um “local esquecido” e apinhado de resíduos sólidos; hoje, após a execução do projeto do conjunto habitacional, os habitantes participam ativamente da manutenção da vila. Observa-se, portanto, que a arquitetura pode induzir a aproximação entre indivíduos

e o contexto físico circundante, visando à concretização do cenário ideal observado nas pinturas de Wu Guanzhong. Para além disso, o novo conjunto habitacional na vila de Dongziguan reafirmou o sentimento de pertencimento não só dos agricultores realocados, mas também dos demais habitantes da vila, e contribuiu para a solidificação das tradições da China Antiga. Grande parte desse resultado decorreu das formas e soluções arquitetônicas adotadas pela equipe do escritório Gad Line + Studio, que, inspirada nos “discursos, mitos e valores” dos agricultores locais, cumpriu os objetivos inicialmente propostos e conformou, nos moldes da contemporaneidade, uma paisagem semelhante à que teria existido nas antigas vilas chinesas.



FIGURA 28: Pintura que representa o que teria sido uma antiga vila chinesa.

FONTE: Yu Rita: concept artist matte painting, 2019. Disponível em: <https://ritayu.artstation.com/projects/0r1bY>. Acesso em 19 de jul. 2019.

## CONCLUSÃO

Ao início do presente estudo, propusemo-nos a responder a pergunta: é possível incorporar elementos da arquitetura da China Antiga em projetos contemporâneos visando à inovação, em termos de linguagem arquitetônica, porém preservando o caráter e a estética particulares do país? O desenvolvimento da pesquisa e, sobretudo, o estudo de caso do conjunto habitacional da vila de Dongziguan nos levam a crer que sim. Concluímos também que a nova consciência cultural que tem emergido no âmbito da arquitetura chinesa contemporânea pode ser apontada como a principal viabilizadora desse processo, uma vez que prioriza a junção entre antigo, a partir do resgate de aspectos construtivos e/ou simbólicos da China Antiga, e contemporâneo, visto que o atual mercado de construção civil do país não escapa da necessidade de modernização tecnológica. Parece-nos necessário, no entanto, trazer para essa discussão final questões de maior complexidade que estão, em certa medida, relacionadas ao tema geral desse estudo.

A partir da abertura para o mercado externo, no ano de 1979, o violento processo de urbanização experimentado pela China buscou (e ainda busca) o desenvolvimento do capitalismo por meio da arquitetura da cidade. Tanto embora seja possível verificar exemplos pontuais de edifícios que procuram resgatar as tradições por intermédio da

linguagem arquitetônica, esta não é a regra; o processo de urbanização observado na China, em geral, vai ao encontro da afirmação de Debord (1997: 112), que diz: “O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como *seu próprio cenário*.” O conjunto habitacional da vila de Dongziguan, conforme aponta Wenwen (2017: A15), representa um caso isolado: em relação a esse projeto é possível conjecturar que o respaldo financeiro fornecido pelo distrito de Dongziguan resguarde propósitos passíveis de questionamento; segundo Teixeira (2010: 18–9), as sociedades modernas (e contemporâneas) tiveram seu poder fortalecido pela recriação e perpetuação de tradições que eram convenientemente legitimadas por meio da assimilação de minorias que, por sua vez, também traziam consigo diversas tradições: “[...] por meio da imposição de suas tradições as nações “Imperialistas” fortaleciam seu poder junto aos dominados [...]”. Nesse sentido, Featherstone (2001, apud Teixeira, 2010: 19), afirma que

Valorizar a memória local e as tradições ligadas à ancestralidade do povo dominado é a forma de adquirir a confiança deste. Desse modo, os maiores e mais fortes, no processo de expansão global, têm apresentado a estratégia de assimilar as pluralidades regionais como tática de ampliação de suas formas de dominação.

À vista disso, pergunta-se: por que o investimento em um projeto de arquitetura, que visou ao resgate da “memória local” e “tradições”, e não em obras públicas relacionadas à educação, saúde, proteção ambiental, e outros? A esse respeito, cabe aqui a afirmação de Wenwen (2017: A15), de que há dez anos Dongziguan era um “local esquecido” e apinhado de resíduos sólidos, cenário alterado pela construção do novo conjunto habitacional. Segundo Xie (2014), os governos rurais não investem em obras públicas por não possuírem condição financeira e/ou autonomia necessária para tal. Pressupõe-se que, se fosse objetivo legítimo dos governos municipais o aprimoramento da qualidade de vida nas áreas rurais chinesas, não seriam observados todos os problemas apontados por Xie (2014) na província de Sichuan, no sudoeste da China, situação que pode ser estendida a outras regiões do país pois, segundo o autor, representa o “estado atual de uma crise de governança rural”: na província em questão, as esferas da saúde e da educação – dois importantes serviços públicos – estão em “estado lastimável”; há um hospital, porém com instalações inapropriadas e corpo profissional incapacitado; a escola de Ensino Médio teve cerca de cem formandos no ano de 2013, dentre os quais menos de 10% ingressaram na universidade: “Em sua corrida pela urbanização – em parte impulsionada pela migração massiva de agricultores para as cidades –, acredito que o governo chinês negligenciou amplamente o bem-estar dos residentes rurais”. Ainda conforme Xie (2014), a urbanização tem sido uma das forças motrizes do desenvolvimento econômico da China, mas esta “não deve ocorrer às custas dos habitantes das áreas rurais, que ainda respondem por quase metade da população chinesa. Não é o número de megacidades que torna um país moderno, mas a qualidade de vida em suas áreas



rurais”.

A migração rural-urbana na China, questão comumente observada em países emergentes, também pode ser apontada como consequência da negligência governamental na gestão de áreas rurais, pois força os habitantes a migrarem para grandes centros urbanos em busca de oportunidades de trabalho e melhores condições de vida. Conforme já mencionado, a migração em massa de jovens do sexo masculino leva a prática da agricultura a mulheres e idosos; cabe destacar que a diminuição de mão de obra nessa área pode enfraquecê-la. Com vistas à preservação da agricultura, que ainda é a fonte de subsistência de 42% da população chinesa, a arquitetura poderia contribuir por meio da difusão de exemplos como o do conjunto habitacional da vila de Dongziguan, que se adequa aos hábitos de vida dos agricultores, porém os governantes não deveriam relegar a implementação de equipamentos, leis, políticas públicas, e outros aportes que forneçam à população rural chinesa qualidade de vida e que suscitem em seus habitantes o desejo de permanecer nessas áreas. Segundo Xu Shixin, secretário da vila de Dongziguan, “Construir casas que se adequem aos agricultores e apoiar a economia local é fundamental para o sucesso da reconstrução do campo. Os agricultores querem que seu padrão de vida melhore, mas eles não querem deixar suas cidades de origem” (WENWEN, 2017: A15). Tanto embora saiba-se que a arquitetura isoladamente não é capaz de resolver problemas de ordem social, é possível (e desejável) que ela possa, ao menos, amenizá-los. Um modo de atingir esse objetivo é por intermédio de projetos arquitetônicos que não apenas preservem superficialmente as tradições de um povo no arranjo ou nas fachadas de edificações, mas que reafirmem e cristalizem a consciência cultural de uma civilização para que esta seja a verdadeira imperadora de um país.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Fernanda; CERQUEIRA, Sátyla; CANÊDO Taynah. **A China Antiga e sua arquitetura monumental**. 2012. Disponível em: <https://www.ndig.com.br/item/2012/10/a-china-antiga-e-sua-arquitetura-monumental>. Acesso em 15 de jul. 2019.

AQUINO, Ruth de. **A arquitetura da nova China**. 2008. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI7354-15227,00-A+ARQUITETURA+DA+NOVA+CHINA.html>. Acesso em 13 de jul. 2019.

ARANTES, Otília. **Chai-na**. São Paulo: EDUSP, 2011.

ARCHDAILY. **Dongziguan Affordable Housing for Relocalized Farmers / gad**. 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com/802369/contemporary-rural-cluster-dongziguan-affordable-housing-for-relocalized-farmers-in-fuyang-hangzhou-gad>. Acesso em 18 de jul. 2019.

ARCHITECTURAL DESIGN SCHOOL. **Habitação acessível em Dongziguan para agricultores realocados / gad**. 2017. Disponível em: <https://por.architecturaldesignschool.com/dongziguan-affordable-housing-85440>. Acesso em 18 de jul. 2019.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernidade reflexiva: trabalho e estética na**

**ordem social moderna.** São Paulo: Unesp, 1997.

BENEVOLO, Leonardo. **Arquitetura do novo milênio.** São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BORGES, Ana Gabriela Rigo; DUTRA, Amanda Caroline; OLDONI, Sirlei Maria. A arquitetura como expressão tecnológica. *In: V Simpósio de Sustentabilidade e Contemporaneidade nas Ciências Sociais*, 2017, Cascavel. **Anais eletrônicos**, 2016.

CHINESE CULTURE LOVERS. 琵琶行 **Song of a Pipa Player**. 2019. Disponível em: [https://www.holoong.com/library/song-of-a-pipa-plager\\_c141.html](https://www.holoong.com/library/song-of-a-pipa-plager_c141.html). Acesso em 19 de jul. 2019

COSTA, Marcos O. **O processo de urbanização na China**. 2012. Disponível em: <https://marcosocosta.wordpress.com/2012/06/10/a-urbanizacao-da-china/>. Acesso em 16 de jul. 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DI MÉO, Guy; BULÉON, Pascal. **L'espace social.** Paris: Armand Colin, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. Culturas globais e culturas locais. *In: FORTUNA, Carlos (Org.). Cidade, cultura e globalização.* Oeiras: Celta Editora, 2001.

FERREIRA, Isabela. **Centro Comunitário Dongziguan**. 2019. Disponível em: <https://prezi.com/p/8sghu55c4lmg/dongziguan/>. Acesso em 21 de mai. 2019.

FIEDERER, Luke. **Clássicos da arquitetura: Cidade Proibida / Kuai Xiang**. 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/876925/classicos-da-arquitetura-cidade-proibida-kuai-xiang>. Acesso em 19 de jul. 2019.

FILHO, Severino Bezerra Cabral. A china rumo ao século XXI (transformações do desenvolvimento). **Revista Indicadores Econômicos FEE**, Rio Grande do Sul, v. 23, n. 4, p. 209–22, 1996.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GAZETA DO POVO. **Crescimento da população urbana na China**. 2019. Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/mundo/crescimento-da-populacao-urbana-na-china/>. Acesso em 14 de jul. 2019.

HOLDSWORTH, May. **The Forbidden City.** Hong Kong: Oxford University Press, 1998.

HUANG, Yingdan; OZKAYA, Ipek; KRISHNAMURTI, Ramesh. **Exploring traditional chinese architecture: interactive realization of a traditional construction process**. 2005. p. 102–8. Disponível em: [https://pdfs.semanticscholar.org/096c/4bc075bc118acc965352e818bf2ffc58d1fc.pdf?\\_ga=2.181921188.2000559147.1563315363-1002069016.1563315363](https://pdfs.semanticscholar.org/096c/4bc075bc118acc965352e818bf2ffc58d1fc.pdf?_ga=2.181921188.2000559147.1563315363-1002069016.1563315363). Acesso em 16 de jul. 2019.

INSTITUTO BRAMANTE. **Saiba como uma empresa chinesa consegue construir mais rápido que qualquer outra no mundo**. 2018. Disponível em: <https://www.institutobramante.com.br/saiba-como-uma-empresa-chinesa-consegue-construir-mais-rapido-que-qualquer-outra-no-mundo/>. Acesso em 26 de mar. 2019.

JORGE, Rogério Ribeiro. **Território, identidade e desenvolvimento: uma outra leitura dos arranjos produtivos locais de serviços no rural**. 2009. 304 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

JUNSKOWSKI, Bruna. **Com linguagem original, a arquitetura chinesa vai além das cópias de monumentos**. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/design/na-arquitetura-o->

made-in-china-e-sinonimo-de-originalidade-e-desenvolvimento-urbano/. Acesso em 14 de jul. 2019.

KOOLHAAS, Rem. **Project on the city I: great leap forward**. São Paulo: Taschen BR, 2001.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é arquitetura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2001.

NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 201–18, jun. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572010000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200002&lng=en&nrm=iso). Acesso em 16 jul. 2019.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de. Uma questão de identidade! Migrações e pertencimento na dinâmica do mundo globalizado. **Revista USP**, São Paulo, n. 114, p. 91–108, jul./ago./set. 2017.

OLIVEIRA, Carlos Tavares. **O despertar da China: abertura para a economia de mercado**. São Paulo: Aduaneiras, 1990.

\_\_\_\_\_. **China: superpotência do século XXI**. Rio de Janeiro: Foglio, 1993.

PADULA, Antonio Domingos. Urbanização e êxodo rural na China. *In*: NASCIMENTO, Luis Felipe Machado do. **Lia, mas não escrevia: contos, crônicas e poesias [recurso eletrônico]**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. p. 465–67.

POMAR, Milton. **A China rural não existe mais**. 2017. Disponível em: <http://www.amanha.com.br/posts/view/3363/a-china-rural-nao-existe-mais>. Acesso em 18 de jul. 2019.

SCARPARI, Maurizio. **A China Antiga**. Barcelona: Folio, 2006.

SHANGAI DAILY. **Ancient Chinese wooden architecture**. 2018. Disponível em: <https://archive.shine.cn/sunday/now-and-then/Ancient-Chinese-wooden-architecture/shdaily.shtml>. Acesso em 17 de jul. 2019.

SILBERT, Jake. **Gad Line + Studio Develops Minimalist Low-Cost Housing in Rural Chinese Village**. 2018. Disponível em: <https://hypebeast.com/2018/9/gad-line-studio-low-cost-housing-dongziguan-village-china>. Acesso em 19 de jul. 2019.

SILVA, Keli de Oliveira. A periferização causada pela desigual urbanização brasileira. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 11, p. 1–10. dez./jan./fev./mar. 2007. Disponível em: <https://www.urutagua.uem.br/011/11silva.htm>. Acesso em 18 de jul. 2019.

STEINHARDT, Nancy Shatzman. **Chinese architecture: a history**. Nova Jersey: Princeton University Press, 2019.

TEIXEIRA, Letícia Miguel. **O habitar popular nas paisagens urbanas tradicionais**. 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

TERRA, Pedro Pires. **A urbanização chinesa: a transformação de uma economia rural em uma economia urbana**. 2016. 56 f. Monografia (Bacharelado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

WENWEN, Xu. Chinese paintings inspire rural renovation. **Shanghai Daily**, Xangai, 18 de abr. 2017.

City Specials: Hangzhou, p. A15.

XIE, Tao. **Opinion: China's looming crisis in the countryside.** 2014. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/02/16/opinion/china-countryside-opinion-xie/index.html>. Acesso em 18 de jul. 2019.

XIN, Zhou. **População urbana supera a rural na China pela primeira vez.** 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/populacao-urbana-supera-a-rural-na-china-pela-primeira-vez.html>. Acesso em 14 de jul. 2019.

YILONG, Zhao. **Centro comunitario en Dongziguan / gad x line + studio.** 2018. Disponível em: <https://magaceen.com/es/architecture/dongziguan-villagers-activity-centre/>. Acesso em 22 de mai. 2019.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arborização urbana 144, 145, 156, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 180, 181, 207

Arquitetura brasileira 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 63, 64, 65

Arquitetura contemporânea 13, 14, 37, 45, 63, 68

Arquitetura moderna 6, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

### C

Centro cultural 70, 72, 73, 74, 76, 77, 80

Cidades verdes 212

Conforto ambiental 7, 200, 202, 203, 207, 213, 222

Conservação 61, 62, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 110, 118, 167, 171, 176

### D

Desenho urbano 136, 140, 159, 225

Direito à moradia 191, 192, 193, 197, 198, 199

Diversidade urbana 147, 151, 157

### E

Espaço público 53, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156

### G

Grandes projetos urbanos 82, 83, 84, 87, 91

### I

Infraestrutura 18, 27, 31, 49, 51, 52, 73, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 123, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 170, 174, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 189, 192, 193, 196

### M

Metodologia de ensino 1

Mobilidade urbana 18, 31, 90, 164, 182, 183, 184, 185, 187, 189, 190

### N

Neurbanism 82



## P

Patrimônio 62, 74, 77, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 119, 125, 130, 168, 171, 180, 193, 225

Pesquisa 1, 3, 4, 5, 10, 11, 13, 35, 39, 52, 55, 56, 62, 65, 76, 83, 91, 94, 128, 142, 151, 167, 169, 172, 173, 174, 177, 179, 181, 182, 186, 187, 189, 197, 198, 203, 204, 212, 214, 215, 222, 223, 224

Planejamento urbano 91, 130, 146, 151, 152, 157, 159, 163, 169, 170, 180, 182, 183, 184, 189, 199, 202, 225

Práticas sociais 54, 71, 147, 151, 152, 153

Preservação 12, 14, 21, 26, 27, 30, 41, 51, 93, 94, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 125, 130, 131, 165, 172, 180, 181, 205, 207, 225

Projeto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 21, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 99, 102, 103, 124, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 175, 176, 183, 186, 188, 189, 192, 196, 197, 198, 206, 211, 213, 214, 221, 222, 224, 225

## Q

Qualidade urbana 136, 141, 180

## R

Requalificação urbana 136, 139, 147, 148, 155, 183

## U

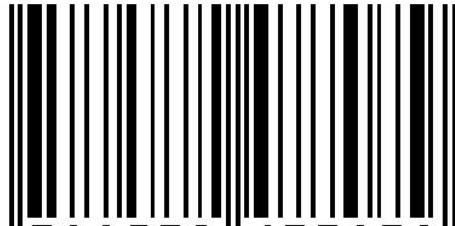
Urbanismo 1, 2, 4, 8, 10, 12, 13, 40, 43, 45, 47, 50, 55, 56, 57, 70, 81, 104, 113, 136, 140, 146, 147, 154, 159, 176, 181, 182, 191, 200, 201, 210, 225

Urbanismo sustentável 200

## V

Vida pública 147, 151, 153, 154, 155, 156, 157

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-707-9



9 788572 477079